

## **Diálogos sobre o sul do mundo: a disciplina Música, diversidade cultural e decolonialidade no curso de Licenciatura em Educação Musical da Universidade Estadual de Maringá**

### **Comunicação**

*Aline Carla Calegari*  
Universidade Estadual de Maringá  
ra126779@uem.br

*Hugo Souza Araujo*  
Universidade Estadual de Maringá  
ra131834@uem.br

*Ícaro Pierre Monteleone Rodrigues*  
Universidade Estadual de Maringá  
ra124212@uem.br

*Jordanna Andretto Braz Pinto*  
Universidade Estadual de Maringá  
ra119016@uem.br

*Simone do Rocio Cit*  
Universidade Estadual de Maringá  
srcit@uem.br

**Resumo:** O relato aqui apresentado traz à tona a premência da abordagem da cultura musical da América Latina, preferencialmente sob a perspectiva crítica decolonial, em cursos de Música das universidades brasileiras. O texto resgata os conteúdos e a metodologia adotada no desenvolvimento da disciplina Música, cultura popular e decolonialidade, que consta no currículo da habilitação em Educação Musical do curso de Música da Universidade Estadual de Maringá (UEM), durante o segundo semestre do ano de 2023. O relato, que considera na sua estrutura um diálogo entre professora e alunos, procura mostrar a expectativa discente e docente e a consequente conquista de posicionamento crítico. O texto coletivo foi alinhavado pela docente.

**Palavras-chave:** Educação Musical; Música Latino-Americana; Decolonialidade.

Com a intenção de escrever este relato, nos encontramos eu (professora), duas alunas e dois alunos, numa manhã de agosto de 2024, na Universidade Estadual de Maringá (UEM). Os quatro discentes presentes cursaram a disciplina Música, diversidade cultural e

decolonialidade, ministrada por mim no segundo semestre do ano letivo de 2023. Apesar de pertencer à grade da Licenciatura em Educação Musical, a disciplina também estava disponível para interessados de outras habilitações do curso de Música. Desta forma, ela aconteceu com onze alunas e alunos matriculados, sete da licenciatura e quatro dos bacharelados.

Logo no início do nosso encontro na manhã de agosto, eu contei para elas e eles sobre a grata surpresa, que me encheu de esperança, quando em novembro de 2023, recém removida para a UEM<sup>1</sup> e tendo contato, pela primeira vez, com o currículo implementado, me deparei com a disciplina intitulada Música, diversidade cultural e decolonialidade, no rol das optativas. Surpresa e satisfação maior ainda foi saber que, fomentado pelas aulas de percussão desenvolvidas no curso, havia um interesse significativo pela música latino-americana, além de um conhecimento atípico sobre repertório, gêneros, ritmos e instrumentos do nosso continente.

Diante da minha curiosidade sobre a origem da disciplina, uma das alunas comentou que a demanda surgiu da fala discente: a manifestação ocorreu, disse ela, diante da predominância geral do repertório europeu e erudito nas aulas do curso de Música. Essa demanda, portanto, falava sobre a carência de uma disciplina que abordasse a cultura popular em uma perspectiva crítica: a Licenciatura em Educação Musical ouviu a fala dos estudantes. Que bom! Recebendo essa disciplina como parte das minhas atribuições, optei por concentrar o planejamento em um recorte mais do que necessário: a América Latina. Ou a Pátria Grande, para assumir logo de vez, sem dissimulações, o sentido político e ideológico do recorte<sup>2</sup>.

Também em resposta ao que foi exposto por mim inicialmente, uma das alunas comentou acreditar que a academia tenha, dentre outros, o papel de desenvolver o pensamento crítico com relação ao ensino ofertado e o meio social em que futuros profissionais terão acesso ao concluir sua graduação. E corroborou a importância da disciplina Música, diversidade cultural e decolonialidade, que possui o sentido de suprir a ausência de abordagens sobre a cultura musical popular. Mostrou, com sua fala, sua consciência sobre a

---

<sup>1</sup> Eu vinha de outra instituição de Ensino Superior do Paraná, a UNESPAR, trazendo na bagagem sete anos de trabalho com um agrupamento musical denominado Orquestra Latino-Americana (OLA). O interesse surgido entre os alunos daquela instituição sobre a música da América do Sul, América Central e do Caribe me levou a sugerir a criação e implementação, no currículo do curso Bacharelado em Música Popular, a disciplina Música na América Latina. A disciplina passou a existir nos módulos I e II, como obrigatória e optativa, respectivamente.

<sup>2</sup> Pátria Grande é um termo relacionado ao projeto de integração latino-americana idealizado pelos libertadores Simón Bolívar e José de San Martín.

herança musical rica e sobre a gama de ritmos, gêneros e tradições dos povos originários e das sínteses pós-coloniais.

Um dos alunos apontou para o fato de que durante grande parte da sua vida musical sempre buscou o porquê da música europeia ser tão mais respeitada e valorizada do que tantos outros tipos de música dentro da universidade. E que ao ingressar no curso, descobriu que não havia nenhum grupo em que um percussionista pudesse entrar, pois os que existiam dentro da universidade não tinham espaço para percussão. E, diante deste fato passou a questionar se estava no lugar certo, colocando em dúvida a sua vocação.

Ao longo dos primeiros períodos da faculdade, ele lembrou que pensou em trancar a matrícula diversas vezes por conta da sensação de não pertencimento. Somente depois de algum tempo de estudo, amadurecimento e leituras importantes, entendeu que não deveria ser um requisito estudar música clássica para se encaixar nesse modelo de ensino, mas que a realidade do curso de Música é que deveria ser transformada. O termo decolonialidade não lhe era estranho, porém o amplo sentido que traz consigo sim: reverter instituições cristalizadas potencializando os saberes locais. E concluiu sua fala contando que revisitar essas angústias durante as aulas da disciplina Música, diversidade cultural e decolonialidade foi fundamental, visto que relacionou, constantemente, novos conceitos com a sua realidade: a fim de aprofundar a ideia de decolonialidade aliada à cultura musical latino-americana discutimos, lemos, assistimos a documentários e filmes relacionados a temas importantes da história da América Latina. Traçamos uma espécie de mapa para percorrer caminhos sonegados<sup>3</sup>. (Cit, 2021, p.32-41)

A partir deste momento, em nosso encontro na manhã de agosto, seguimos com a proposta de relembrar conteúdos abordados durante o nosso percurso na disciplina. Um dos alunos pediu a voz para falar um pouco sobre a sua trajetória escolar, constatando que nunca houve um ensino voltado para a América Latina como um todo, sua história, suas dificuldades, suas guerras, pessoas que fossem referência mundial ou até mesmo local. Do ensino básico até o ensino médio, ele disse sempre ter estudado sobre regiões geograficamente mais afastadas, como por exemplo a América do Norte, a Europa e Ásia. E ponderou: “não que seja algo desnecessário, contudo, como não criamos referências latino-americanas, nossa identificação se tornou fraca ou inexistente. A maioria das pessoas não sabe quem é Túpac

---

<sup>3</sup> A ideia de mapa na abordagem da canção latino-americana foi desenvolvida por mim no texto “Para traçar um mapa da canção latino-americana”, publicado no livro *Música e política: subsídios para um debate popular*.

Amaru, José de San Martín, Simón Bolívar, Joaquín Torres García, Juana Azurduy, Violeta Parra, Alfredo Zitarrosa, Mercedes Sosa, Eduardo Galeano, Víctor Jara, Che Guevara, Fidel Castro...”.

Todos os nomes mencionados por ele foram objeto de estudo em nossas aulas. Ainda que não tenhamos tido tempo para aprofundar, passamos por esses nomes procurando torná-los significativos, articulando-os com a produção cultural e, fundamentalmente, com a canção popular. Ouvimos um bocado de coisas... Desbravamos um mundo novo. Então eu comentei que, agora, eles já sabem bastante sobre essa cultura sonogada. E isso é fantástico! O aluno concordou e completou sua fala afirmando que se sente incomodado com a predominância da abordagem eurocêntrica na universidade e o quanto a perspectiva crítica foi capaz de mudar o seu jeito de pensar. Disse, ainda, que a partir dos conteúdos vistos na disciplina e após a exibição do stand-up América Latina para Imbecis, com o comediante porto riquenho John Leguizamo, conseguiu perceber que a falta de identidade latino-americana não é somente dele; que os “heróis latinos”, citados no stand-up, e todos aqueles números assustadores de pessoas assassinadas com a chegada dos colonizadores nos fazem pensar como essa parte da história pôde ser tão silenciada.

Lembramos todos juntos, então, de *Diários de motocicleta* (Guevara, 2003), dirigido pelo cineasta Walter Salles, assistido em uma das aulas da disciplina. O filme, baseado no livro *De moto pela América do Sul*, de Ernesto Che Guevara, que conta a sua trajetória e de seu amigo Alberto Granada em uma viagem de motocicleta, também nos causou o impacto descrito pelo médico argentino quando entra em contato com as profundezas da América Latina. Lembramos ainda da leitura da introdução do livro *7 Ensaios de interpretação da realidade peruana* (Mariátegui, 2004), mencionado no filme como uma das principais leituras de Guevara para analisar a América Latina, até então desconhecida por ele. E ouvimos, novamente, a canção *Al otro lado del río*, do uruguaio Jorge Drexler, que integra a trilha sonora do filme.

Complementando o seu depoimento, o aluno falou sobre o quanto a disciplina lhe abriu horizontes para pesquisas de mestrado e doutorado nessa área, e o levou a acreditar na importância de uma educação musical latino-americana, da escola básica ao ensino superior. Após essa fala, uma das alunas refletiu sobre a pertinência do pensamento decolonial para promover uma educação musical mais inclusiva e que contemple saberes negligenciados.

Neste ponto do nosso diálogo, um dos alunos comentou sobre a metodologia utilizada na disciplina. Sob o seu ponto de vista não houve nenhuma atividade ou ação que não tivesse como objetivo analisar, problematizar e compreender o contexto em que a cultura musical popular tenha sido produzida.

No sentido de concluir nosso encontro na manhã de agosto, recordamos a forma de avaliação da disciplina: a construção de um painel no corredor do bloco em que funciona o curso, com fragmentos do conhecimento que construímos. Uma proposta visual, com a contribuição de todos nós que vivemos a disciplina Música, diversidade cultural e decolonialidade, no sentido de transbordar para fora das paredes da sala de aula nosso orgulho pelo que aprendemos e nosso sentimento pulsante de resgate histórico: quando o desconhecimento nos separa, uma parede nos une<sup>4</sup>. Viva a América Latina!

**Figura 1:** Parede decolonial em construção



Fonte: Arquivo pessoal dos autores

<sup>4</sup> Referência à canção *Pesadelo*, de Paulo César Pinheiro, e ao estudo de Caio Gomes sobre as conexões transnacionais da canção engajada na América Latina.

## Referências

CIT, Simone. Para traçar um mapa da canção latino-americana. In: Pazello, Ricardo Org. **Música e política: subsídios para um debate popular**. Curitiba: Editora Koter. 2021.

GOMES, Caio de Souza. **Quando um muro separa, uma ponte une: conexões transnacionais na canção engajada na América Latina (anos 1960/70)**. São Paulo: Alameda, 2015.

GUEVARA, Ernesto Che. **De moto pela América do Sul**. Tradução Diego Ambrosini. São Paulo: Sá Rosari, 2003.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **7 ensaios sobre a interpretação da realidade peruana**. Tradução Salvador Olbiol de Freitas e Caetano Lagrasta. 13ª edição. São Paulo: Editora Alfa Ômega, 2004.